

# Preservação e Ruptura na Interação do Índio com a TV

Orlando Garcia

**Resumo:** Analisamos neste artigo a relação midiática entre um grupo de índios e alguns programas de TV, com o intuito de discutirmos o que há de preservação e de rupturas na cultura de um grupo de índios terenas, moradores da comunidade “Marçal de Souza”, na cidade de Campo Grande em Mato Grosso do Sul. Problematizamos nessa análise as relações entre mídia e seus receptores, enfatizando a importância do impacto midiático sobre a audiência. Discutimos, também, as abordagens socioculturais e comportamentais que contribuem para as reflexões que tratam das formas de se receptionar programas televisivos.

**Palavras-chave:** Cultura; Televisão; Recepção; Mediação; Mestiçagens.

**Abstract:** We analyze in this article the media relation between a group of Indians and some TV programs, in order to discuss what there is of preservation or ruptures in the terena’s culture, a group of Indians who reside in the community “Marçal de Souza”, located in the city of Campo Grande, MS, Brazil. In this analysis we raise the point about the relations between media and its receivers emphasizing the importance of the impact of the media on audience. We also discuss the socio-cultural and behavioral approaches that contribute to reflections that deal with the ways of receiving TV programs.

**Keywords:** Culture; Television; Reception; Mediation; Cross-culture.

## 1. Encontro e diálogo com a TV

Focalizamos neste trabalho o resultado das relações que surgiram do encontro midiático entre receptores indígenas e produção televisiva, sobretudo a mudança de comportamento e hábitos nas ações desses índios, provocadas, certamente, por alguns elementos “inovadores” introduzidos pela TV. Esta situação se aplica aos indígenas terenas, moradores da comunidade “Marçal de Souza”, localizada na região periférica da cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul.

Neste artigo analisamos uma noção de preservação e de ruptura circunscrita na cultura dos terenas em geral. Comparamos as mensagens com o conhecimento cognitivo dos indivíduos; apresentamos algumas reflexões acerca do comportamento dos índios em relação à recepção que fazem dos programas veiculados pela televisão.

A televisão, ao ser introduzida na aldeia “Marçal de Souza”, tem mediado o diálogo entre produção e recepção, possibilitando mudanças no modo de vida dos índios, viabilizando alterações em parte de seu comportamento. Algumas das alterações propiciadas tem como

causa a mescla entre as mensagens recebidas e o conhecimento acumulado por eles, e são analisadas por nós sob a luz da teoria da mestiçagem cultural.

A conexão cultural entre o ambiente social em que vivem aqueles índios e a recepção do conteúdo das mensagens enviadas pela TV, possibilita a reorganização do pensamento indígena que, desse modo, tem sua cultura reatualizada continuamente. A mescla entre o que o ambiente social oferece aos indígenas e as mensagens televisivas implica na produção de recortes de conhecimentos novos. Essas novas idéias constituem-se como elementos originais de conhecimentos produzidos por eles, que se traduzem em novas práticas sociais, com características bem específicas deste grupo. Percebe-se, assim, a capacidade de renovação, de reinvenção e de criatividade do receptor indígena Terena.

A mediação com os meios televisivos estimula a mudança no comportamento dos índios no cotidiano da aldeia, uma vez que, ao apropriar-se dos bens culturais e compará-los com suas próprias matrizes culturais, reafirmam as características de sua cultura, reatualizando-as continuamente. Sendo assim, os bens imateriais absorvidos se apresentam a ele como uma alternativa ao seu desenvolvimento sociocultural.

É provável que a presença da televisão na vida da comunidade tenha trazido aos seus integrantes uma nova percepção da realidade, vinculada à sua história e à sua existência. Dessa maneira, como receptores ativos que são, despontam-se como produtores e reprodutores de sentidos.

Pinheiro (2006), no seu estudo sobre mídia e mestiçagem, refere-se às práticas produtivas como tendo sido constituídas pela mescla de linguagens, desde o período colonial. As conexões culturais são históricas e, embora ocorram de maneira conflitante, descaracterizam as posições binárias que opõem as ideologias e as manifestações culturais entre os sistemas culturais. Para o autor, as noções de fragmentos, simultaneidade, brevidade e instabilidade manifestam-se no meio urbano já há tempos. E, de fato, substituem o homogêneo pelo heterogêneo, por meio de combinações democráticas nas quais o diálogo é o elemento definidor de posições. O conhecimento, para o autor, também se dá nas relações humanas do meio urbano, na convivência com o que há de mais popular na cultura: “(...) é feito de encontros, inclusões, afinidades e convergências entre o familiar e o estranho, o conhecido e o desconhecido, o ‘alto’ e o ‘baixo’” (PINHEIRO, 2006, p. 29). A convergência

entre as diferenças só é possível por meio da produção do diálogo, condição que define um tipo de apropriação e produção de significados.

As mudanças decorrentes do ato de se ver TV se traduzem em novas atualizações culturais construídas e vivenciadas espontaneamente no cotidiano dos índios terenas. As experiências culturais apreendidas historicamente exigem constantes adaptações no encontro do velho com o novo e mudam o contexto social, o jeito de viver, os estilos e os ritmos dos indivíduos. As adaptações constituem-se, portanto, em um processo de mestiçagem cultural. De acordo com Laplantine e Nouss (2007), a mestiçagem é uma mescla entre presente/passado, uma aproximação entre variados elementos culturais, onde ocorre um processo em que ocorre a reatualização e de onde se extrai novos elementos culturais, não se tratando de uma mistura simples entre vivências sociais distintas.

A mestiçagem, contudo, consta como resultado de um processo, surge como conseqüência de uma troca de experiências, de critérios que permitem que se reconheça no outro o que é mais apropriado reter de sua cultura. Segundo Laplantine e Nouss (2007, p. 41), em suma, “de manera análoga, los ‘antropófagos’ brasileños de San Pablo em la década de 1920 devoraron París. Pero entonces, cómo ser y sobre todo cómo volverse brasileño?”.

Oswald de Andrade analisa a antropofagia de maneira metafórica, uma vez que a cultura do outro não é absorvida na sua totalidade: “a antropofagia Oswaldiana é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução”. (CAMPOS *apud* LOURENÇO, 2009, p. 87).

Os terenas, consumindo criticamente parte da cultura alheia, renovam a sua, a partir de um comportamento ambíguo e inconstante que os tornam livres em suas relações e produções e os mantém na esfera da cultura, nos mecanismos de interação social intertribal e interétnica, semelhantes aos tupinambás, conforme nos lembra Viveiros de Castro (2002, p. 200):

O principal da aldeia ouviu maravilhado sobre “o inferno e a glória”, e advertiu seus companheiros para que não fizessem mal ao padre: “Se nós outros temos medo de nossos feiticeiros, quanto mais o devemos ter dos padres, que devem ser santos verdadeiros (...).

## **2. Recepção crítica indígena**

A recepção que os terenas fazem dos programas televisivos se diferencia em alguns aspectos, mas se assemelha em outros, à de muitos moradores não índios que vivem próximos à comunidade “Marçal de Souza”. Os receptores, em geral, ao apropriarem-se dos bens culturais, os ressignificam em suas experiências, de acordo com suas condições socioculturais. Nesse sentido, os terenas reafirmam suas tradições e simultaneamente apresentam mudanças substanciais, detectáveis em suas ações e comportamentos ao lidar com as situações cotidianas. As reatualizações em seus modos de vida são produtos das relações sociais, embora nos seja difícil detectar em que medida ou intensidade elas possam se justificar pelo “jeito terena de ver a TV”. É difícil obter exatidão a respeito das causas das transformações culturais na comunidade indígena, e podem ter sua origem na recepção televisiva ou em qualquer outro meio.

Martin-Barbero (1997, p. 231) considera o receptor um produtor de sentidos:

Não é só a reprodução de forças como também a produção de sentidos: lugar de uma luta que não se esgota na posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação que provêm de diferentes competências culturais.

O fato é que esses produtos culturais podem ter sido construídos a partir do entendimento que os receptores tiveram do programa que assistiram. Os telespectadores geralmente são capazes de classificar, qualificar e formar juízo sobre o que foi produzido, interpretando o que vêem de acordo com o que entendem sobre sua estrutura narrativa e lendo-a a partir de um conhecimento já incorporado, transmitido de geração a geração, acumulado e atualizado continuamente. O índio compreende o que vê no âmbito de um sistema de orientação e expectativas que permeiam o diálogo entre ele e os teleprogramas.

Os vários tipos de contatos possíveis entre os grupos sociais ou propriamente entre o índio terena e os programas da televisão são mediados de alguma forma pelos elementos que compõem a cultura de um lugar. A apropriação de bens culturais produzidos pela TV, realizada pelo grupo de índios terenas, tem sido mediada por quatro elementos da cultura,

definidas por Orozco-Gómez (1992) como mediação individual, situacional, institucional e videotecnológica.

Por intermédio das mediações o receptor indígena terena mantém uma atitude de vigilância crítica diante da televisão, um olhar crítico que procura identificar as motivações profundas dos enunciadores, a ideologia que perpassa os textos, buscando contradições que possam tornar evidente os mecanismos persuasivos e os interesses políticos/culturais dessa manifestação. São críticas subjetivas, visíveis por meio de suas ações individuais ou sociais.

Sobre o uso ou consumo, no que tange a capacidade do receptor, Certeau (2008, p. 93) diz que “assim, uma vez analisadas as imagens distribuídas pela TV e os tempos que se passa assistindo aos programas televisivos, resta ainda perguntar o que é que o consumidor fabrica com essas imagens e durante essas horas”.

Diante das imagens absorvidas percebe-se as reações críticas dos telespectadores indígenas, cujas mediações são inovadas mediante um estilo de vida que apresenta algumas especificidades culturais - tradições, costumes, rituais religiosos etc. Em relação a tudo o que acontece em seus cotidianos eles mantém olhares críticos e ações ambíguas e transformadoras. Um telespectador diante de um monitor de TV pode em alguns momentos permanecer passivo, favorecendo o interesse político/ideológico contido nas mensagens publicitárias, porém, na medida em que ele desliga o televisor ou troca a programação quando o desagrada, fica evidente seu poder de ação crítica em relação à mídia.

De sua vez, a televisão direciona-se para os conhecimentos e para a busca de aspectos da prática social, nos quais se refletem linguagens e experiências de grupos e subgrupos da cultura. Seu propósito é permitir ao público reafirmar suas próprias experiências e de sua vida prática, reconhecendo-se em sua própria classe e cultura, evitando-se a ruptura entre a produção de imagens da realidade e as reais condições sociais, dando-nos prova de que, pelo menos em parte, reproduz a cultura social, por meio da tela. Ao assistirem cotidianamente a TV e ao reafirmarem suas crenças e práticas tradicionais, os terenas ampliam suas possibilidades de participação crítica na mídia. A aproximação freqüente de sociedades ou grupos sociais à mídia se amplia na medida em que as pessoas se tornam mais acessíveis à comunicação massiva na sociedade atual. Os terenas, na medida em que intensificam seus contatos sociais com os outros moradores da cidade, aumentam sua acessibilidade em relação

a tudo o que se produz no local, utilizando-se também da televisão como via de acesso a vários produtos de consumo. Em contrapartida, a massificação da mídia torna alguns de seus veículos, a exemplo da televisão, marginalizados pela crítica intelectualizada.

A marginalização da televisão resultaria, em certa medida, de uma atividade do emissor, indicando uma política midiática que refletisse interesses sobre a cultura “submersa” das classes subalternas, propondo uma homogeneização do discurso, para se atingir ao mesmo tempo vários grupos de “repertório restrito”. Mas, lembrando Canclini (2006), não é possível homogeneizar a recepção. No entanto, com o objetivo de resolver esse problema comunicacional, os produtores de TV elaboram uma programação segmentada, que se reflete nas diversas tendências culturais. Uma bem definida divisão entre a estrutura da televisão e o planejamento e a realização de programas representa uma inovação do sistema, em que os receptores de variados segmentos, utilizando-se de repertórios construídos a partir de seus referenciais midiáticos, aproveitam e se apropriam em largo alcance dos elementos que, de uma forma ou de outra, lhes ajudam a reproduzir consistentemente suas culturas, levando em conta seus interesses específicos.

Dessa forma, a participação dos diversos setores, segmentos e grupos sociais se amplia e se manifesta em práticas sociais, uma vez que os programas se dirigem a vários segmentos, atendendo aos variados interesses. Assim como os outros telespectadores, em meio às diferentes programações, os telespectadores procuram e encontram o que lhes é interessante e peculiar.

O funcionamento aparente do sistema televisivo é de um sistema fechado, hierarquizado e centralizado, que descarta quaisquer interferências em suas decisões ou mudanças em suas estruturas, mas a consciência sobre a existência do diálogo entre produção/recepção tem sido a principal causa das diversas mudanças na maneira de se ver e compreender a programação da TV.

Todavia, os processos produtivos não se restringem a um corpo de críticos que se dispõe a impedir ou facilitar que os receptores/protagonistas exercitem suas experiências sociais e participem na produção da comunicação. A conjunção entre a unidade de produção e a unidade de recepção depende de uma lógica da participação popular e da efetiva possibilidade de gestão coletiva do processo midiático. Atendidos esses requisitos, as

participações freqüentes são promovidas naturalmente e um canal de comunicação é colocado à disposição dos cidadãos, com o qual qualquer pessoa ou qualquer grupo étnico pode apresentar e representar novos papéis sociais.

Partindo-se de uma lógica de funcionamento da mídia televisiva em que a estética realista assume como função prioritária o entretenimento direcionado a qualquer indivíduo ou cultura, são utilizados, para cooptar o receptor, recursos e elementos simbólicos facilmente reconhecíveis, em geral extraídos diretamente da própria realidade. Sua narrativa é elaborada com o intuito de conquistar e captar a atenção dos destinatários e reorientar os seus interesses. Todavia, há uma certa distinção entre o olhar indígena, ou aquele de alguém de outro grupo social, sobre a compreensão do conteúdo da TV, pois cada grupo reelabora seus conceitos baseados em um padrão de referência cultural que leva em conta suas tradições, costumes e crenças.

Na tradição indígena, as histórias, o conhecimento sobre as coisas, as informações ou notícias são repassadas pela oralidade. Montenegro (1992), que analisa a oralidade privilegiando o ato da fala, afirma que ela tem poder. De fato, também entre populações arcaicas, a fala é um dos principais instrumentos de comunicação, senão o mais importante. Mas a conexão cultural permite, sem prejuízo da tradição, a utilização de novos instrumentos, de acordo com as necessidades dos grupos sociais em geral, com a função de facilitar as relações. Se, para o índio terena, uma das utilidades da TV é para obter informações, que importância tem a oralidade na comunicação, para as outras pessoas?

Todas as experiências dos índios, associadas à televisão, nos fazem indagar sobre se há um esvaziamento de seus princípios culturais. Sabe-se que não há um esgotamento do que pode ser designado por “experiências televisivas” e muito menos que estas cheguem a esgotar as possibilidades de constituição de particularidades culturais que se encontram latentes entre os indígenas brasileiros.

O esvaziamento possível da subjetividade que a mídia pode alcançar não ocorre por meio do aniquilamento de tais especificidades, mas da sua conexão: dependendo da proximidade cultural que o consumidor/decodificador indígena tenha com a realidade representada e transmitida pela TV, maior ou menor serão as chances de adaptação ou não ao

sistema de consumo no qual está inserido; não obstante, os princípios éticos, morais, sociais e culturais, em geral, mantêm-se.

Na relação dialógica entre produção/recepção, pensamos encontrar uma explicação razoável, que contribua para a compreensão dos motivos das dificuldades do índio terena em perder ou abrir mão de seus princípios étnicos.

### **3. Uma mestiçagem cultural indígena**

O que nos levou à escolha de uma etnia indígena para analisar sua interatividade com a televisão? Um estudo dos padrões de referências que os índios seguem podem nos levar a um caminho mais próximo de uma resposta para essa questão. Esses indígenas se mantêm conectados culturalmente com esses padrões, tendo sua cultura reorientada por eles, modificando gradativamente seus comportamentos, suas tradições, costumes e estilos de vida, em um processo de convivência social, econômica e cultural com o consumo capitalista. De certo modo, a conexão existente entre o sistema de referência capitalista e a cultura indígena é perceptível no hábito de assistir TV. O receptor, em geral, ao escolher a programação de seu interesse segue seu padrão, ou padrões, de referência cultural.

A comunidade Terena da “Marçal de Souza” passou por reestruturações enquanto mantinha conexões com elementos de outras matrizes culturais, efetivadas na fronteira de sua cultura, superando as necessidades de unidade entre os grupos sociais em oposição, e criando processos naturais que vem buscando suprimir as disputas pela hegemonia no campo cultural. Essa reflexão explica que a disputa entre centro e periferia, que se desenvolve distante das regiões fronteiriças a fim de impor uma hegemonia, pode se tornar despótica (PINHEIRO, 2006). Ainda que o poder cultural hegemônico de uma sociedade se imponha sobre outra, sua concretização só será possível pela oposição e imposição, sem, contudo, descaracterizar as crenças, as tradições, e os valores éticos e morais da sociedade dominada: o índio terena da comunidade “Marçal de Souza” não se tornou mais ou menos índio por ver TV, por participar de cultos cristãos ou por eleger, pelo voto direto, uma mulher para cacique de sua tribo, e nem é necessário criar dicotomias a esse respeito, pois essas situações vivenciadas se justificam pelas conexões naturais e espontâneas.



O produto cultural televisivo é o elemento relevante deste artigo, é veiculador das idéias e representações sociais; é também o elemento material diretamente percebido na recepção da TV. Nesse empreendimento, muitos dos índios receptores alcançaram conteúdos que a televisão pôde lhes transmitir, lidando num território apropriado para esse fim. O início da interatividade entre a televisão e o telespectador reside no botão de ligar, mudar de canal ou desligar. O poder de mudar de canal já é um indicativo de tensão no diálogo entre emissor e receptor.

Ao popularizar-se, o aparelho de TV ampliou a capacidade de intervenção do público em programas que tratam de assuntos domésticos, de política, economia e esporte, ampliando-se, assim, qualitativamente, a interatividade. Os telespectadores em geral, divididos em segmentos, aproveitam o que é favorável a si e ao seu grupo, atuando como reprodutor e produtor de sentidos, criando espaços e possibilidades inéditas de influir no domínio.

Nesse contexto, os terenas se comunicam com a televisão priorizando o bem-estar social da comunidade. O aprimoramento das relações sociais entre eles, na qual as pessoas participam livremente, auxiliando-se mutuamente na melhoria das condições de vida de toda a população comunal e aperfeiçoando a integração dos indivíduos à vida social, tem a participação efetiva da comunicação televisiva; pode-se dizer que obtiveram, por meio dela, uma educação contínua quase que num contato face a face. O sistema constitui-se num poderoso veículo alternativo aos índios, tornando-os “poderosos” receptores.

A liberdade de iniciativa individual que cada receptor indígena tem na seleção da informação constitui-se em ato tradutório, em um nível em que não ultrapassa sua capacidade intelectual, tratando-se, elementarmente, de uma situação interativa equilibrada, em que o fluxo de informações e suas apropriações proporcionaram a esses indivíduos a possibilidade de manipulação do conteúdo apropriado.

Nesse sistema de televisão interativa, a telepresença se atualiza no diálogo audiovisual e, conseqüentemente, apresenta um conhecimento intersubjetivo entre emissor e receptor, que tem tanto uma dimensão intelectual como afetiva e existencial.

A estrutura da TV permite também apresentar eventos tanto para a imaginação como para o pensamento conceitual, pelos quais suas mensagens são recebidas, incorporadas e reelaboradas. Em síntese, ainda que seja difícil equacionar precisamente o diálogo televisivo,

certamente ele se traduz em imaginação, conceito e, como consequência, criatividade. O nível de intercâmbio nesse sistema dialógico, que ofereceu ao nosso receptor indígena a oportunidade de conexão com os produtos culturais televisivos, é atualizado e causam variações em seus resultados práticos.

Enfim, o fenômeno social resultante do intercâmbio proporciona ao meio social indígena a recriação e a redescoberta de novos elementos, que servem de motivação ao convívio humano na comunidade. Na medida em que os terenas desenvolvem habilidades para estabelecer contatos criativos e afetivos, podem, eventualmente, superar o interesse individual por produtos industrializados e massificados; porém, se tal interesse for alimentado, não causará problemas à sua cultura.

São evidentes as tentativas de manipulação da programação pelos profissionais que a produzem, utilizando para tanto, por exemplo, a edição. Mas os programas, fugindo ao controle dos responsáveis pela produção, propõem a vários segmentos de espectadores a difícil tarefa de interpretá-los e compreendê-los visualmente, e eventualmente até de deduzir os próximos episódios, respeitando o repertório individual. Sendo assim, a significação apreendida será naturalmente diferente e peculiar a cada receptor. De qualquer modo, é importante saber que os programas produzidos com esse intuito sugerem/exigem a participação do espectador, objetivando diminuir a intensidade da crítica sobre si, por meio da contribuição dada por ele, ao ressignificar o conteúdo absorvido.

Na maneira como os terenas veem TV, identificam-se atitudes que questionam a televisão por meio da própria televisão; esses índios são exemplos de comportamentos críticos acerca do sistema televisivo, mas, ao mesmo tempo, produzem também televisão. Introduzem na estética televisiva uma linguagem que se assemelha à sua. Dessa forma, o terena reproduz sua cultura, num processo de desconstrução e reconstrução estética do discurso televisivo.

A facilidade e a espontaneidade com que eles interagem culturalmente com outros grupos comunitários traduzem a atual forma de conceberem as relações plurais. Em contextos históricos que remontam ao tempo colonial, a mescla, além de sintetizar os interesses econômicos e sociais, refletia principalmente as crenças e os rituais sagrados entre indígenas e colonos e entre as próprias tribos (CASTRO, 2002).

ORLANDO GARCIA é doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
orlandohist@yahoo.com

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lassa. 4ª ed. São Paulo, Edusp, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. de Epharaim Ferreira Alves. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol – Século XVI-XVIII*. Trad. de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- JACKS, Nilda; ESCOSTESGUY, Ana Carolina. *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005
- LAPLATINE, François; NOUSS, Alexis. *Mestizajes: De Arcimboldo a Zombi*. Trad. de Victor A. Goldstein. 1ª Ed. Buenos Aires: Fondo de La Cultura Económica, 2007.
- LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social das novelas das oito*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. 3ª Ed. (CIDADE?): Editorial Presença, 1952.
- LINHARES, Gladis. *A televisão no imaginário Terena*. Campo Grande: Uniderp, 2000.
- LOURENÇO, Denise. *Fanzine e procedimentos antropológicos*. In: O Meio é a Mestiçagem. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_, Jesus. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: WILTON DE SOUSA, Mauro (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA/USP Brasiliense, 1995.
- MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. *Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Porto Alegre: Ed. Sulinas, 2008.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Editora Contexto, 1992.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. *Hablan los televidentes: estudios de recepción em vários países*. Cuadernos del PROCOIICOM 4. México: UIA, 1992.
- \_\_\_\_\_, Guillermo. *Hacia una dialéctica de la television: la estructuración de estrategias por los televidentes*. In: Revista Comunicação e política: comunicação na América Latina. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos, 1993.
- \_\_\_\_\_, Guillermo. *Pesquisa de recepção: investigadores, paradigmas, contribuições latino-americanas*. Revista Brasileira de Comunicação, nº 1. São Paulo: INTERCOM, 1993.
- \_\_\_\_\_, Guillermo. *Television y audiencias: um enfoque cualitativo*. Madrid: Ediciones de la Torre/Universidad Iberoamericana, 1996.
- PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho. *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – Séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume/PPHG-UFMG, 2002.

PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Trad. de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PINHEIRO, Amálio. *Introdução*. In: PINHEIRO, Amálio (Org.). *Comunicação & Cultura: Barroco e Mestiçagem*. Campo Grande/MS: Editora Uniderp, 2006

\_\_\_\_\_, Amálio. *Mídia e mestiçagens*. In: PINHEIRO, Amálio (Org.). *Comunicação & Cultura: Barroco e Mestiçagem*. Campo Grande/MS: Editora Uniderp, 2006

\_\_\_\_\_, Amálio (Org.). *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.